

DOZE OBJETOS EM EXPOSIÇÃO NA CASA DOS NICHOS

HUGO GOMES LOPES

Pretendo com o presente trabalho apresentar, de forma sucinta e informal, doze objetos arqueológicos do concelho de Viana do Castelo, expostos na Casa dos Nichos - Núcleo Museológico de Arqueologia de Viana do Castelo.

Estes doze objetos, um por cada mês do ano, foram escolhidos tendo em conta o facto de pertencerem a diferentes épocas, a sua dispersão pelo concelho de Viana do Castelo e, principalmente, pelas informações que podemos retirar dos mesmos.

A Casa dos Nichos localiza-se na Rua de Viana (antiga Rua do Cais, por se encontrar, na altura, muito próxima do rio e do antigo cais da Vila de Viana). A rua e as suas casas são testemunhos da grande atividade mercantil fluvial e marítima. Podemos com alguma facilidade imaginar o movimento que teria esta rua, quer de pessoas, quer de vários produtos, que eram armazenados no piso térreo das casas. No piso superior ficava a habitação ou o escritório de mercadores, navegadores e homens ligados ao comércio e às viagens marítimas. Os produtos eram transportados por rio, de Viana para o interior do território e deste para Viana e por mar eram comercializados com o norte da Europa, as ilhas da Madeira e dos Açores, África, Brasil e Índia.

Mapa do Concelho de Viana do Castelo



NEOLÍTICO	NEOLÍTICO	CALCOLÍTICO	IDADE DO BRONZE		IDADE DO FERRO	
40 000 a. C.	4000 / 3000 a. C.	3000 a. C.	2000 a. C.	1000 a. C.	Séc. II/I a. C.	Séc. I a. C.
						
PICO DO TIPO ASTURIENSE. AREOSA	VASO DE FUNDO SEMIESFÉRICO DA MAMOA DE LORDELO. CHAFÉ	PONTA DE SETA EM QUARTZO DA MAMOA DE AFIFIE.	MACHADO EM BRONZE DE TALÃO. VIANA DO CASTELO	VASO DE LARGO BORDO HORIZONTAL DE MONTE DE OLA VILA FRIA	MOEDA IBÉRICA DO TESOURO DE MONTEDOR. CARREÇO	ESTÁTUA DE GUERREIRO CASTREJO. MEIXEDO

O nome da casa parece ter origem nas duas pequenas esculturas do séc. XV colocadas nos extremos da sua fachada (junto às portas). As figuras testemunham a adoração a Maria (protetora dos Navegantes), que está representada numa das figuras, sendo a outra o anjo Gabriel que vem anunciar a Maria que vai ser mãe de Jesus, representando o tema bíblico da Anunciação. Estas figuras não estão protegidas em nichos (cavidades abertas numa parede), mas estão protegidas por uma escultura de forma quadrangular, com ramos e flores esculpidas, à qual se chama baldaquino ou dosselete (cobertura ornamental). O desconhecimento destes nomes e a singularidade dos baldaquinos deve ter levado a que, popularmente, a Casa fosse chamada de Casa dos Nichos.

A Casa dos Nichos estava em ruínas quando foi comprada pelo Município de Viana do Castelo no final dos anos 80. Depois de realizado o estudo arqueológico em 2006, iniciaram-se obras de restauro e de construção, abrindo em 2008 como extensão educativa do Museu de Artes e Arqueologia (atual Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo). Em 2011 o espaço foi reformulado para poder acolher mais objetos arqueológicos e passou a funcionar como núcleo museológico de arqueologia. O modo como os objetos estão apresentados, assim como todas as atividades desenvolvidas, pretendem que o espaço seja acessível e aberto à participação de todos. No presente, as visitas e atividades desenvolvidas, destinadas a todo o tipo de públicos, são gratuitas.

IDADE MÉDIA			IDADE MODERNA	
Séc. VII d. C.	Séc. XI.	Séc. XIII	Séc. XV	Séc. XVI a XVIII
				
CAPITEL CORÍNTIO DE VILA MOU	CAPITEL IMPOSTA DE VILA MOU	ESTELA FUNERÁRIA DE S. ROMÃO DE NEIVA	ESCULTURAS PROTEGIDAS POR BALDAQUINOS. VIANA DO CASTELO	ANFORETA DO RIO LIMA. VIANA DO CASTELO

Barra cronológica.

1. PICO DO TIPO ASTURIENSE, AREOSA (40 000 a. C.)

Início esta apresentação dos 12 objetos da Casa dos Nichos, com uma das ferramentas mais antigas que chegou aos nossos dias. Curiosamente, era relativamente fácil encontrá-la à superfície, ao longo de praticamente toda a faixa litoral do nosso concelho.



Pico do Tipo
Asturiense, Areosa.

Esta ferramenta era feita com seixos, pedras de quartzito, que se encontram também nos rios, mas com maior abundância junto ao mar. A ação de erosão da água e da areia fez rolar estas pedras bastante duras, que se tornaram lisas e polidas. A grande quantidade, os diferentes tamanhos e formas, permitiram escolher as mais adequadas para fazer ferramentas. Depois de escolhida a pedra, esta era batida com outra, de forma a partir pequenas lascas (talhada). Era trabalhada rudemente apenas numa das faces (uniface) e era lascada de maneira a ficar com uma forma triangular e pontiaguda. A parte não trabalhada (cortéx) encostava na perfeição à palma da mão. Os dedos fixavam a ferramenta e desta forma era possível empregar bastante força sem magoar a mão.

O fabrico seria relativamente rápido, para quem dominasse a técnica e permitiria criar uma ferramenta, embora rude, extremamente funcional. Esta ferramenta é chamada de pico de tipo "Asturiense". Este nome deve-se ao facto de ferramentas parecidas terem sido inicialmente encontradas e estudadas nas Astúrias e na Cantábria, estando relacionadas com depósitos de conchas, local onde eram deitadas as conchas depois de comida a parte mole (concheiros). Abel Viana, no final dos anos 20, recolheu centenas destas ferramentas, tendo, nesta época, testemunhado a reutilização dos picos na apanha de lamparões. Parece que este tipo de ferramentas surgiu durante a última glaciação, numa altura em que o mar estava mais recuado e o clima, embora mais frio e seco, era parecido com o atual. O facto de se encontrarem à superfície resulta de fenómenos de erosão. A ferramenta do tipo pico "Asturiense" foi utilizada por povos do chamado Paleolítico (Pedra Antiga ou Pedra Lascada), numa altura em que o homem sobrevivia graças à recolha (recolector) de tudo o que pudesse servir de alimento (marisco, caracóis, fungos, raízes, répteis, ovos, pequenos mamíferos, etc.). Estamos, portanto, perante uma ferramenta que auxiliou o homem nessa luta pela sobrevivência.



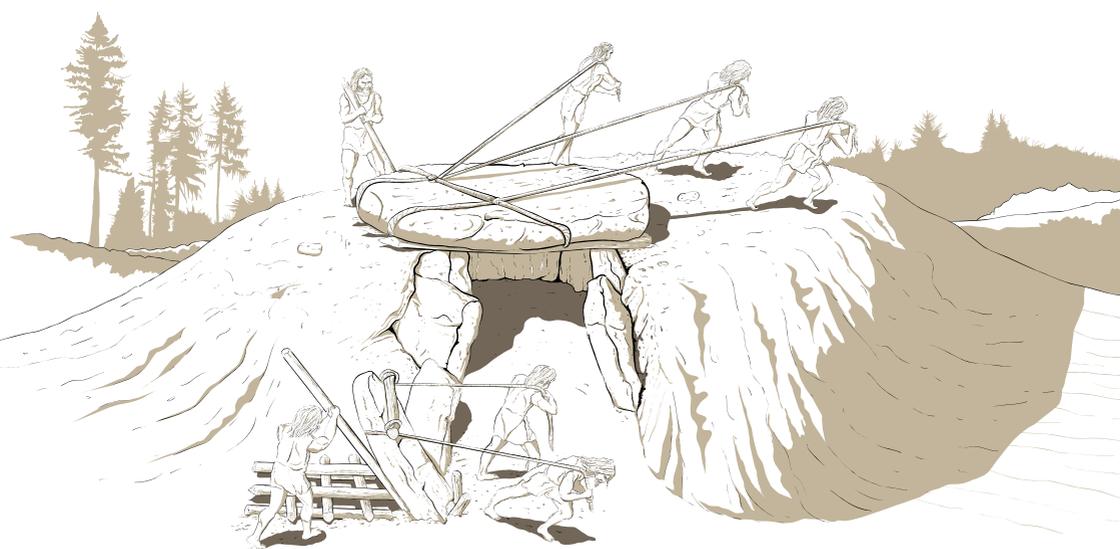
Criação de
ferramenta de
pedra lascada.

2. VASO DE FUNDO SEMIESFÉRICO DA MAMOA DE LORDELO, CHAFÉ 4000/3000 a. C.

Este vaso, que integra a exposição da Casa dos Nichos desde 2011, pensa-se ser do final do IV ou do início do III milénio a.C.. Tem a forma de meia esfera e deve ter sido criado a partir de uma bola de barro que foi trabalhada pelo lado exterior e interior com ambas as mãos, alargando o tamanho de abertura e tornando as paredes mais estreitas. O seu fundo esférico obriga a que necessite de um apoio para não baloiçar. As paredes laterais estão decoradas com vários semicírculos feitos por pressão (impressos), talvez utilizando a unha do dedo polegar. Tem, ainda, em lados opostos, dois pequenos orifícios que podiam servir para ser suspenso ou para ter associado umas asas ou algo decorativo. Apresenta manchas de fuligem, vestígios da forma como foi cozido e da sua utilização. O vaso foi desenterrado (exumado) da Mamoa de Chafé, em 1985, por uma equipa liderada pelos arqueólogos Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva e pelo Dr. Maia Marques.

Vaso de Fundo
Semiesférico da
Mamoia de Lordelo,
Chafé.





Construção de
uma mamoa.

Não resisto a referir a sequência de achados ocasionais, que deram origem a consequentes intervenções arqueológicas, até chegarmos a este vaso. Tudo tem início com o aparecimento, na preparação de um terreno para habitação, em Moldes (Castelo do Neiva), de vários objetos em bronze: dois capacetes, dois copos, uma moeda romana (dupôndio de Augusto) e outros objetos datados da Idade do Ferro.

O fabuloso achado levou a que os dois arqueólogos iniciassem intervenções arqueológicas no lugar de Moldes. Enquanto estas decorriam, foram alertados para outro achado ocasional em Chafé, no lugar do Lordelo. O achado era uma pequena sepultura, formada por placas de xisto (cista). Muito perto desta, no que parecia ser mais uma duna (o local é uma zona de dunas), encontraram algumas pedras de um dólmen¹, já muito destruído. Em 1985 iniciaram a sua escavação, exumando grande quantidade de objetos, como o vaso aqui descrito, 70 pontas de seta, um braçal de arqueiro em pedra (protege o braço da corda do arco), uma sovela (instrumento para furar o couro), e um rebite em cobre arsenical (o cobre com arsénico forma uma liga mais dura e resistente), um vaso campaniforme (forma de sino ao contrário), fragmentos de cerâmica e de ossos humanos.

¹ Os dólmenes (mesa de pedra, em bretão) ou antas são túmulos coletivos, formados por grandes pedras (ortóstatos), umas na vertical e outras colocadas por cima destas na horizontal, que formam, de um modo geral, um pequeno corredor que conduz a uma câmara de maiores dimensões. Estas pedras são depois cobertas por outras de pequena dimensão ou apenas por terra, criando montículos chamados popularmente de mamoas. As mamoas foram utilizadas durante um período alargado no tempo, por comunidades sedentárias agro-pastoris do neolítico e do calcolítico. A posição de enterramento (fetal), as oferendas, assim como gravuras e pinturas que se encontram nestes túmulos, atestam, certamente, o caráter ritual e mágico destes monumentos.

A criação de objetos em barro está associada ao Neolítico (Nova pedra ou Pedra Polida), um período da história caracterizado pela domesticação (significa que os animais e plantas já não são selvagens e encontram-se próximo de casa, em latim, *domus*). Neste período o aumento das temperaturas climatéricas favorece o desenvolvimento de cereais. Estes novos objetos em barro vão permitir o armazenamento prolongado dos cereais e, não sendo orgânicos como os cestos ou os sacos, não se deterioram nem podem ser destruídos facilmente por animais, como os ratos e outros roedores e podem ser expostos à ação direta das chamas, permitindo cozinhar alimentos.

Este vaso, entre outros objetos, assim como flores e alimentos, faziam parte dos rituais de enterramento (inumação) no interior dos dólmenes. Estes túmulos coletivos destacam-se no terreno por formarem pequenos montículos que modificam a paisagem e são testemunho da fixação de um grupo de pessoas a um território, da sua união e do seu esforço.

3. PONTA DE SETA EM QUARTZO DA MAMOA DE AFIFE 3000 a. C.

Esta ponta de seta é fabulosamente regular e minuciosamente trabalhada, o que revela a imensa destreza e capacidade técnica de quem a criou. A ponta de seta, feita em quartzo transparente (mineral que facilmente se encontra no solo granítico típico da região) é mais pequena que um polegar e foi trabalhada utilizando o choque e a pressão da pedra ou do osso. Tem a ponta aguçada e um formato triangular. Os bordos deste triângulo possuem minúsculos entalhes em forma de dentes (denticulada), tem umas pequeníssimas asas (aletas) que ajudam a fixação da sua base triangular a uma vara fina de madeira. Esta união poderia ser reforçada com uma cola à base de resina e com algum fio de origem animal (tendões) ou vegetal (fibras de plantas). Na outra extremidade são fixadas algumas penas e temos desta forma uma flecha preparada para ser projetada através de um arco. A utilização do arco e da flecha permitiu aumentar o sucesso das caçadas por alcançar animais a maior distância e o facto de se utilizar uma ponta de seta em pedra, permite uma perfuração maior no corpo do animal, o que torna a flecha mais mortífera e eficaz.



Ponta de Seta em Quartzo da Mamoa de Afife.

A ponta de seta foi exumada de uma Mamoa localizada no lugar de Medorro (o nome, Medorro, sugere a existência deste tipo de túmulo), em Afife, a cerca de 400 metros da praia. Da escavação da mamoa, dirigida também pelo Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva, na segunda metade dos anos 80, para além desta ponta de seta, foram retiradas outras, em quartzo, sílex (rocha sedimentar de elevada dureza) e xisto (rocha metamórfica formada por camadas que se podem separar), assim como lâminas em sílex (em exposição na Casa dos Nichos) e machados de pedra polida. A Mamoa de Afife, datada do III Milénio a.C., tem a particularidade de ser formada por um corredor que se vai alargando sem dar acesso a uma câmara, como é usual. Para além desta particularidade, a mesma possui ainda gravuras e pinturas em ocre vermelho (tinta à base de óxido de ferro). Tal como na mamoa de Lordelo, vários objetos terão acompanhado os mortos, chegando até nós apenas aqueles capazes de resistir ao tempo e à acidez dos solos locais, pelo que fica à imaginação outros objetos e oferendas.

A ponta de seta insere-se num período da história denominado de calcolítico (Cobre + Pedra) ou idade do Cobre, numa altura em que, para além dos instrumentos em pedra, aparecem objetos em cobre. O Homem do calcolítico é um homem sedentário (fixo a um lugar), que sobrevive essencialmente graças à atividade agrícola e pastoril. Constrói túmulos de grande dimensão (dólmenes), cujo interior é iluminado pelo sol nos solstícios de verão (dia mais longo) ou de inverno (noite mais longa) ou pela luz da lua cheia no equinócio (tempo de dia igual ao da noite). Assinalando desta forma, os momentos de calor, de frio, de plantio, de colheita ou de nascimento.

Utilização de
ponta de seta
em pedra.



4. MACHADO DE TALÃO 2000 a. C.

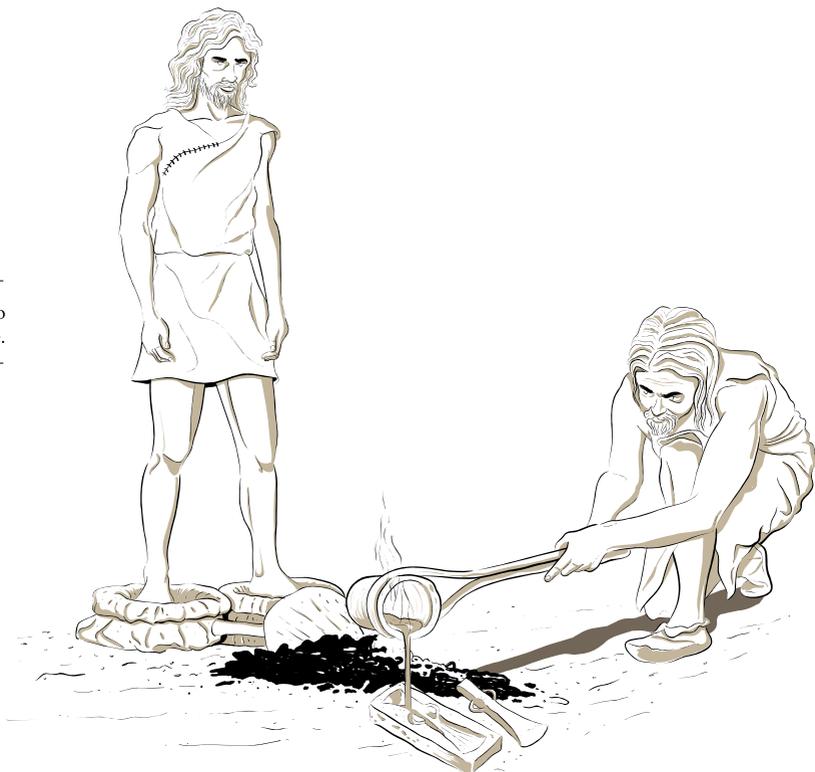
Machado em bronze datado do séc. II a. C. chamado de talão (palavra que deriva do castelhano talon que significa calcanhar). O machado de talão tem uma parte traseira que é destinada a entrar dentro de um pau que vai servir de cabo. Tem dois anéis e, por tal facto, é também conhecido como machado de duplo anel. Estes anéis servem para ajudar a unir o machado a um cabo, com o auxílio de uma corda, tendões ou de tiras de couro. Possui duas depressões laterais que partem dos anéis até ao final da parte traseira. Estas seriam preenchidas por cunhas, que entravam por sua vez no cabo, permitindo uma forte união. O machado resultada de verter o bronze em estado líquido num molde bivalve (dois moldes iguais e opostos). No machado podemos ainda observar o seu cone de fundição, ou seja, uma forma cónica que resulta do escorrimento do bronze por um pequeno funil escavado nos moldes e a rebarba da linha de junção entre os dois moldes, que podiam ser em pedra ou em metal. Estas evidências permitem-nos saber como foi feito, mas também concluir que este machado nunca foi acabado nem utilizado. Funcionou, muito provavelmente, como uma espécie de “lingote” de bronze, que dava algum tipo de estatuto e de poder ao seu possuidor. Supôs-se, em tempos, que este machado poderia ter pertencido a um conjunto de 8 machados, encontrados na Areosa nos anos 60, por crianças enquanto brincavam. Contudo, estudos recentes comprovaram que este machado não fazia parte do conjunto. Atualmente desconhece-se o local e as condições do seu achamento. O aparecimento de machados deste tipo observa-se em outras partes do concelho, geralmente em conjunto e depositados cuidadosamente ou retirados dos leitos dos rios por dragagem.

O Bronze, nome de origem Fenícia, não é um metal mas a mistura de dois metais, na sua maioria cobre ao qual é adicionado estanho. O facto de o bronze passar do estado sólido ao líquido (ponto de fusão), a temperaturas não muito altas (1000 C°), permite criar várias ferramentas utilizando moldes, tal como neste caso.

Os machados em bronze superam tecnologicamente os machados em cobre e os machados em pedra, pois, devido às características desta liga, podemos ter ferramentas mais duras e resistentes que facilitam as atividades. O bronze é também muito resistente ao tempo, à chamada deterioração ambiental.



Machado de Talão.



As atividades de mineração e metalúrgica nesta região vêm desta forma associar-se às atividades agro-pastoris do Neolítico (Nova Pedra ou Pedra Polida). A existência de minério permite o aumento e acumulação de riqueza e estimula atividades comerciais. O norte de Portugal é rico em estanho e o sul em cobre, pelo que, para produzir bronze, estes metais tinham que ser comercializados. A existência de minério no nosso território vai despertar também o interesse de povos do mediterrâneo oriental.

O domínio da tecnologia do bronze permitiu a criação de armas mais poderosas, o que levou à organização de comunidades guerreiras que tentam dominar, através da guerra, outras comunidades. Um dos testemunhos dessa hierarquização entre elementos da mesma comunidade são os enterramentos. Ao contrário do que acontecia nos dólmenes, nos quais todos os elementos de uma comunidade eram enterrados, na Idade do Bronze (período de intensa utilização do bronze) passaram a ser individuais, em cistas, como a de Chafé.

5. VASO DE LARGO BORDO HORIZONTAL DE MONTE DA OLA, VILA FRIA 1000 a.C.

Este vaso foi encontrado com outros três no lugar de Monte da Ola, Vila Fria, em 1929. O achado foi comunicado na altura, à Associação dos Arqueólogos Portugueses, contudo o facto de se encontrarem à superfície impossibilitou o estudo do seu contexto. O vaso que pertenceu ao Dr. Joaquim Fernandes Ferreira foi datado do I milénio a.C., possui um fundo arredondado (semiesférico) e, tal como no vaso de Lordelo, necessita de um apoio para não tombar. As paredes do vaso sobem a direito e nestas podemos encontrar uma pequena asa muito simples. O bordo é largo e perpendicular às paredes. Encontra-se todo decorado, à exceção do fundo. A decoração consiste em linhas paralelas feitas por corte muito leve (incisas) e linhas oblíquas de pontos feitos por pressão (impressos). No vaso podemos ver do lado oposto à asa, uma mancha de fuligem, o que parece indicar que era colocado numa fogueira nesta posição. No seu interior podiam ser queimadas substâncias vegetais, resinas e ceras ou substâncias animais como vísceras e gorduras, mas também podiam ser colocados diferentes tipos de alimentos. Os vasos parecidos com este aparecem geralmente em pequenos buracos abertos no chão (fossas) ou então em antigos dolmens, num contexto ritual e funerário. Julga-se que na altura as pessoas acreditavam que quem morria, teria que fazer uma viagem para um outro lugar e como tal necessitava de alimentos e de objetos, que garantissem a sua sobrevivência nessa viagem.



Vaso de Largo Bordo Horizontal de Monte da Ola, Vila Fria.

São também desta época bastantes gravuras rupestres, geralmente linhas marcadas com sulcos feitos por raspagem ou picotagem nas rochas, muito abstratas e geométricas. Alguns dos Castros (povoados fortificados da Idade do Ferro), podem ter origem no final da Idade do Bronze.

Criação de vaso
em barro.



6 - MOEDA IBÉRICA DO TESOURO DE MONTEADOR, CARREÇO Séc. II/I a.C.

O tesouro de Montedor apareceu, ocasionalmente, nos anos 80, numa obra de saneamento no lugar de Montedor, Carreço. O pote que continha as moedas foi destruído e as moedas foram divididas pelos operários. O arqueólogo do Município de Viana do Castelo, Dr.º António da Cunha Leal, teve a difícil tarefa de recuperar o tesouro, conseguindo-o quase na totalidade. Para além de 30 moedas republicanas e 8 moedas ibéricas, todas denários (pequenas moedas em prata que valiam 10 asses), faziam parte do tesouro, arames e outros objetos também em prata. A moeda ibérica a que dou destaque é uma *arekorata*. O nome em letras ibéricas indica o local onde foi cunhada. Pensa-se

que fique na zona levantina da Península Ibérica, mais concretamente em Sória, perto de Saragoça. A moeda tem gravado no anverso o perfil de um busto humano e no reverso a figura de um cavaleiro com lança. Por baixo deste encontra-se o nome *arekorata*, em letras

Moeda Ibérica
do Tesouro
de Montedor,
Carreço.

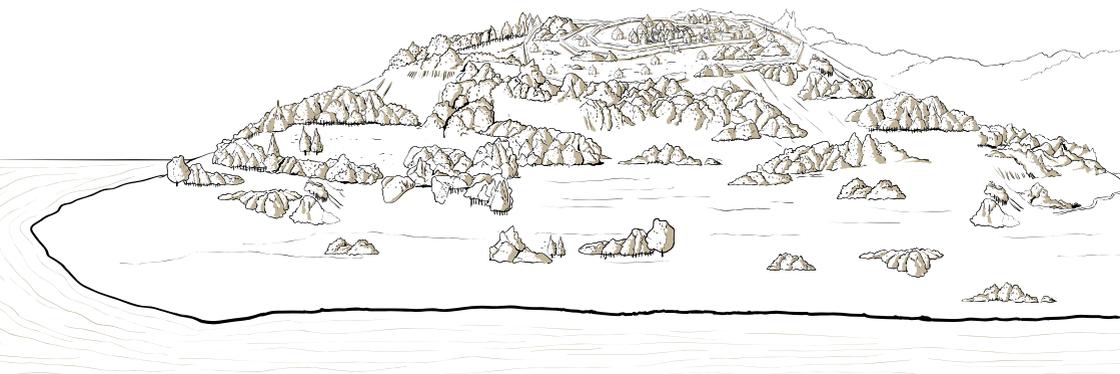


ibéricas (alfabeto anterior à ocupação romana da Península Ibérica). A moeda data do final do séc. II a.C., numa altura em que devido à guerra civil romana, chamada de guerra social, tribos ibéricas combateram do mesmo lado dos legionários romanos, comandadas pelo general Sertório, que tomou partido pelo reformista Mário contra o conservador Sila. Este último acabaria por vencer a guerra civil assumindo-se como ditador.

O tesouro a que pertence esta moeda pode ter pertencido a um guerreiro castrejo (Galaico) do Castro de Montedor, que participou nesta guerra. O tesouro pode ser fruto de algum tipo de recompensa ou saque. As moedas deste tesouro têm a particularidade de apresentarem cortes que permitem a sua divisão, o que indica a sua utilização fora de um sistema monetário e o uso dos fragmentos de prata como objeto de troca direta.

Há mais de dois mil anos atrás, na chamada Idade do Ferro, existia no Noroeste Peninsular (Norte de Portugal, regiões de Espanha da Galiza e em parte das Astúrias, da Cantábria e de Leão), um conjunto de tribos que adotaram costumes, formas de vida e práticas idênticas. A essa cultura comum, deu-se o nome de Cultura Castreja, povos que viviam essencialmente da pastorícia e da agricultura, em montes não muito altos, mas com boas condições de sobrevivência e defesa, em casas geralmente circulares em pedra e com telhados de colmo ou giesta. Estes povoados eram rodeados por várias muralhas. Nos castros algumas vezes com o nome de citânias (como a citânia de Santa Luzia), viviam as tribos galaicas, tal como existiam as tribos lusitanas, entre outras.

Castro.



7 - ESTÁTUA DE GUERREIRO CASTREJO, MEIXEDO Séc. I a.C.

Estátua de
Guerreiro Castrejo,
Meixedo.

A estátua do guerreiro é feita de granito e tem uma forma trapezoidal. Falta-lhe a cabeça e os pés que, provavelmente, por serem mais frágeis, se partiram e perderam. A estátua tem uma dimensão superior à humana e representa um guerreiro galaico ou castrejo da Idade do Ferro, com o seu escudo redondo (caetra) reforçado com duas tábuas em "X" fixas por 5 cravos. Na cintura tem um cinturão no qual está presa uma bainha com um punhal (pungio). No pulso, que segura o punhal, podemos observar uma pulseira simples e no antebraço oposto duas linhas em "X", que representam a tira de couro (correia), que serve para o transporte do escudo, mas também para o fixar bem ao antebraço.

O guerreiro veste uma espécie de túnica (saio), que se encontra decorada com duas bandas com "S" encadeados que partem da zona do peito, passam pelos ombros e percorrem as costas até à cintura.

Podemos reparar também que nas pernas encontram-se gravados os joelhos e nas canelas ainda podemos ver uns "zig zags", que representam, certamente, os atilhos para prender o calçado.

A estátua do Guerreiro Castrejo, datada do séc. I a.C., pertenceu a D. Afonso da Rocha Abade de Meixedo e esta parece ser, até ao momento, a sua única ligação a esta freguesia. Em Meixedo não se conhece nenhum povoado fortificado da Idade do Ferro. O que temos como certo é o desconhecimento da proveniência da estátua. Contudo, e tendo em conta a grande dimensão de alguns dos nossos castros, é bem provável que ela possa ter pertencido a um deles. O Abade deve ter sido o responsável pelas alterações sofridas na estátua, tais como a gravação da cruz na zona do peito ou a transformação dos cravos em vieiras que, juntamente com as tábuas em X, fazem lembrar as aspas do escudo dos Rochas, o que parece uma tentativa de apropriação genealógica da estátua pelo seu proprietário.



De todas as estátuas que se conhecem, esta parece ser a estátua que apresenta o maior texto gravado em latim, língua introduzida pelos conquistadores Romanos. Existem várias interpretações do que está inscrito.

Parece ser consensual que a estátua representa um indivíduo de elevado estatuto social e, segundo as inscrições, a estátua é uma homenagem do seu irmão, de armas ou de sangue, e do seu povo. Está também gravado a sua filiação, com o nome do seu pai.

Segue abaixo a leitura que o Dr.º Armando Coelho Ferreira da Silva fez das inscrições:

Guerreiro castrejo.

CLODAME

COROCAVDI

F(ilio).SE[STIO?]

L(ucius)SESTI

VS.L(ucci).L(ibertus?).COROC

VDIUVS

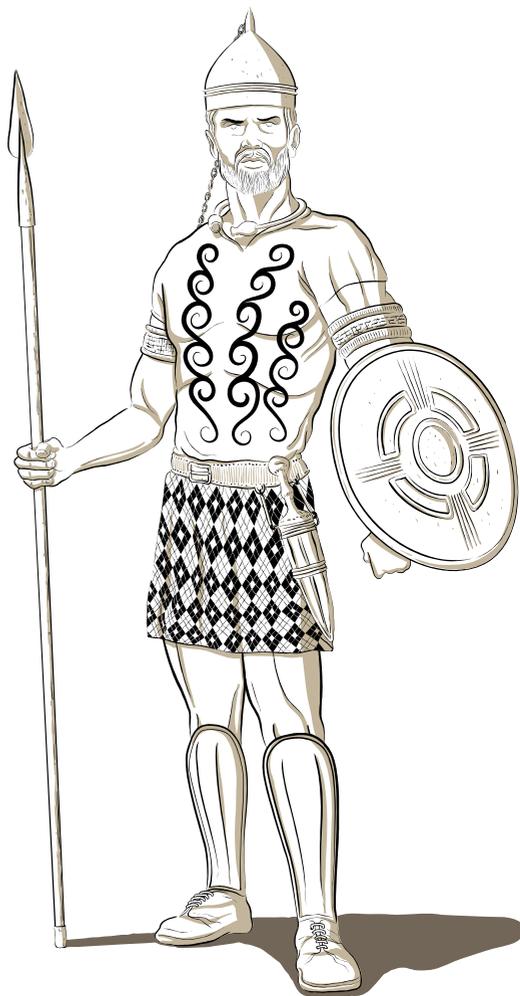
CONTV (bernalis)

Frater

a Clodamus Sestius(?), filho de Corocaudius

L(ucius) Sestius Corocondius, liberto de Lucius, (irmão, familiar, amigo) e camarada (mandou fazer)

(Silva, Armando Coelho Ferreira da (1986), A cultura castreja no Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira).



Os Fenícios, que se interessaram pelo estanho, e populações do centro da Europa que vieram para esta região em busca de melhores condições de vida, trouxeram consigo técnicas e tecnologias que permitiam trabalhar o ferro. Este mineral para ser trabalhado requer temperaturas mais elevadas que o cobre ou o bronze e como tal melhores fornos e maiores quantidades de combustível.

As armas e ferramentas em ferro são ainda mais fortes e resistentes do que as de bronze. Ferramentas em ferro, tornaram possível trabalhar o granito da região, construir casas, muros e muralhas e fazer esculturas como a do guerreiro.

8. CAPITEL CORÍNTIO DE VILA MOU Séc. VII

No início do Séc. XX a igreja Paroquial de Vila Mou encontrava-se em muito mal estado, pelo que ficou decidido que esta seria desmontada para no seu local construir uma nova igreja. Quando se procedia a este desmonte apareceram nos muros da igreja, pedras trabalhadas, decoradas e com inscrições que teriam pertencido a um edifício de época mais recuada. Na altura algumas destas pedras foram salvas e guardadas no Museu Municipal de Viana do Castelo, por Figueiredo Guerra, na altura seu diretor.

Capitel Coríntio
de Vila Mou.

Dessas pedras temos conhecimento de 6 capitéis, dos quais 4 encontram-se em exposição na Casa dos Nichos.



Dois destes capitéis são em tudo idênticos e, como tal, farei a descrição do que se encontra em melhor estado, que tem 30 cm de largura por 50cm de altura e 50 cm de profundidade.

O nome capitel significa cabeça ou extremidade. Os capitéis são o elemento arquitetónico que se encontra no topo das colunas, tal como a cabeça está no topo ou na extremidade do nosso corpo.

Este capitel, com uma dimensão relativamente pequena, tem uma parte que não se encontra decorada, que seria mais longa, mas que foi cortada. Esta parte mais longa do capitel indica que este ficava inserido numa parede, na qual toda a coluna encostava. Estamos perante um tra-



Capitéis Coríntios
de Vila Mou.

balho de época visigótica, mas com a utilização de motivos e técnicas de época Romana. O capitel é cilíndrico e está decorado com duas coroas de folhas de acanto, estando as pontas das folhas voltadas para fora, como um cesto com folhas. Este capitel assim decorado é classificado como Coríntio (uma das ordens arquitetónicas que têm origem na Grécia). A utilização de folhas de acanto (planta com grandes folhas) como motivo decorativo está relacionada com a delicadeza e a graciosidade.

Os Visigodos foram um dos povos germânicos que invadiram o Império Romano. Formaram o seu reino na Península Ibérica, converteram-se ao catolicismo e promoveram a construção de várias igrejas.

Também na Capela das Almas foram encontradas estruturas (muros e pedras decoradas) desta época.

Mais tarde, no séc. VIII, os Visigodos, seriam invadidos pelos Muçulmanos (aqueles que seguem a religião islâmica), vindos do norte de África.

9. CAPITEL/IMPOSTA DE VILA MOU Séc. XI

Tal como o capitel coríntio, também este capitel foi descoberto quando a antiga Igreja Paroquial de Vila Mou foi desmontada.

Chama-se capitel – imposta, porque é decorado como um capitel, mas tem a função de uma imposta que é uma pedra saliente que antecede as pedras que formam um arco. Este capitel é datado do séc. XI e tem influências Moçárabes (população cristã sobre domínio Muçulmano). Tem a forma de um paralelepípedo retângulo, com as medidas de 40 cm de largura por 30 cm de altura e com 70 cm de profundidade. Tem numa das faces insculpada uma figura humana rodeada pelo que parecem ser cachos de uvas e ramos de videira, que podem ter a ver com o milagre das uvas atribuído a S. Martinho. Por baixo, encontram-se também insculpidos alguns elementos circulares de difícil interpretação. O que não apresenta dúvidas é a sua figura central que representa, muito toscamente, um cavalo.

Capitel/ Imposta
de Vila Mou.



Depois de reconquistadas algumas terras aos Muçulmanos (presúria), que chegaram a dominar praticamente toda a Península Ibérica, é concedido, no séc. XI, ao nobre D. Henrique de Borgonha (França), como recompensa pelo auxílio na reconquista, o Condado Portucaleense. Mais tarde, no séc. XII, o seu filho D. Afonso Henriques viria a tornar-se o primeiro rei de Portugal.

10. ESTELA FUNERÁRIA DE S. ROMÃO DE NEIVA Séc. XIII

Pedra funerária, datada do séc. XIII. Era colocada na vertical, na cabeça da sepultura. Parece ser proveniente de S. Romão do Neiva, segundo inventário do Museu Municipal de Viana do Castelo, onde esteve exposta.

Tem cerca de 100 cm de altura, por 40 cm de largura e 16 cm de espessura. A parte superior é arredondada e tem gravado na face frontal uma cruz de braços curvos, dentro de um círculo, chamada de cruz pátea ou patada pelo facto das suas extremidades lembrarem patas. Podemos ver esta tipologia em outras igrejas românicas como, por exemplo, no tímpano da Igreja de S. Cláudio de Nogueira. Esta cruz foi também muito usada pelos Cavaleiros Templários (ordem militar do Templo de Salomão) que tiveram um papel muito importante na defesa e conquista de territórios aos Muçulmanos.

A toda a volta tem gravada uma banda de onze pequenos círculos. Na parte de trás tem inscrito um “a” aberto e, logo abaixo, um grande “m”, representados em minúsculas em grafia uncial, uma grafia particular de origem latina e grega de época Visigótica, mas mais desenvolvida e utilizada no Período da Reconquista. Numa das pernas do “m” podemos ver um pequeno buraco, no qual o pedreiro fixou o compasso para a poder desenhar na forma circular. As letras sugerem que a sepultura terá pertencido a uma mulher de nome Maria.

A estela é vestígio da época em que o rei D. Afonso III fundou a Vila de Viana outorgando-lhe a carta de foral, ficando definida já nesta época a malha urbana (ruas, vias principais e áreas de construção) com respetiva muralha, em forma de “ovo”.



Estela funerária de
S. Romão de Neiva.

11. ESCULTURAS PROTEGIDAS POR BALDAQUINOS REPRESENTANDO A ANUNCIAÇÃO Séc. XV

Esculturas datadas do séc. XV, em granito, protegidas por baldaquinos. As pequenas figuras levantam uma serie de dúvidas relativas à sua localização. Percebemos sem dificuldade que não estão no seu local original. É, no entanto, fascinante a informação que as mesmas nos dão. As figuras e os baldaquinos são talhados com uma abordagem de cariz popular, demonstrando uma certa expressividade e naturalidade. Representam o tema bíblico da Anunciação e fazem-se acompanhar de elementos simbólicos. O anjo apresenta-se de asas abertas segurando, com as duas mãos, uma faixa (filactera) que sobe, com as letras góticas a anunciar “Ave Maria”. Na cabeça usa uma touca e veste uma túnica longa que lhe cobre os pés. A virgem Maria saúda com a mão direita, colocando a outra sobre o ventre ligeiramente aumentado e parece segurar algo semelhante a um ovo. Maria usa um véu, veste uma túnica longa que lhe cobre os pés. À cintura usa um cinto e sobre as costas tem colocada uma pequena capa presa à volta do pescoço. As figuras vestem roupa da época em que foram criadas. Junto a Maria está colocado um jarrão florido com três açucenas. As figuras sofreram bastante erosão, contudo, com atenção podemos observar que parecem esboçar um sorriso. Os baldaquinos de arcos quebrados têm esculpidos ramos e flores. Num deles podemos mesmo identificar a açucena. No baldaquino que está por cima de Maria está representada uma cara, que pode ser o Espírito Santo.



Esculturas
Protegidas por
Baldaquinos
Representando a
Anunciação.

É no séc. XV que se inicia a construção da igreja Matriz, uma nova Igreja Paroquial (a primeira Igreja Paroquial, foi a Igreja das Almas que ficava fora da muralha). Mesmo ao lado fica a casa da família dos Velhos também chamada de Casa dos Arcos (a casa tem dois arcos quebrados e um abatido ou em asa de cesto). A pessoa mais notável desta família dos velhos foi João Velho, que foi responsável pela Confraria dos Mareantes e participou em várias expedições na costa Africana (Marrocos, Guiné, Angola e Congo). Mais tarde, já no séc. XVI, outros notáveis vianenses participaram igualmente no movimento de descoberta e conquista de novos territórios. É o caso de João Álvares Fagundes, navegador vianense que participou na descoberta da parte meridional da Terra Nova (Canadá), as chamadas “Ilhas do Bacalhau”, bem como de Pero Campo Tourinho, que foi capitão-donatário, responsável por povoar, explorar e administrar o território de Porto Seguro no Brasil.

12. ANFORETA DO RIO LIMA Séc XVI A XVIII

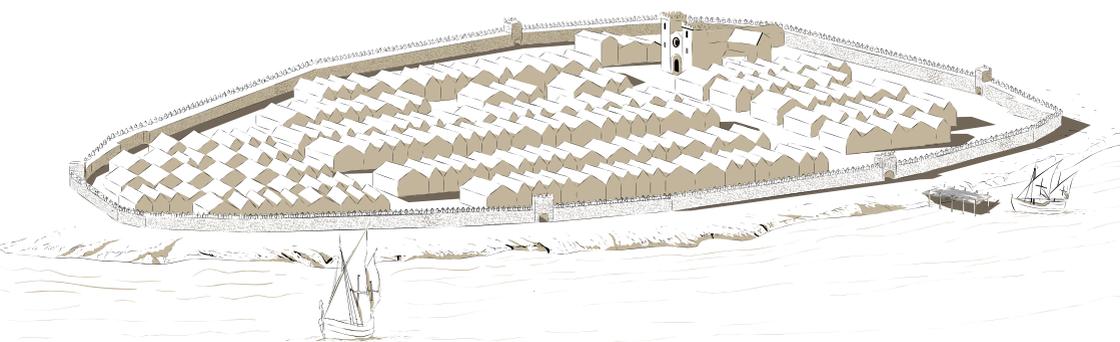
Anforeta, provavelmente dragada do leito do rio Lima, na zona portuária. A anforeta é um pequeno contentor em barro, que tal como o nome indica, teve origem na ânfora romana, mas que ao contrário desta é muito mais pequena e não tem asas. Esta deve ter servido para transportar azeite, no entanto, as anforetas serviam para conter quer alimentos líquidos quer sólidos ou mesmo para conter alcatrão ou projeteis de chumbo. A sua forma é pouco regular e o seu acabamento é pouco cuidado. É feita, possivelmente, em roda de oleiro, composta por duas peças (bordo e bojo), que depois são unidas. Interessa, sobretudo, que cumpra bem a sua função de armazenar os produtos que lhe estavam destinados e de ser robusta para aguentar os vários movimentos e choques a que estava sujeita. A anforeta podia ser fechada com uma rolha de cortiça vedada com cera de abelha. A sua forma permite uma boa acomodação nos cascos das embarcações. A anforeta está, portanto, relacionada com o comércio marítimo e foi utilizada entre o séc. XVI e XVIII. Estamos perante um objeto que, muito certamente, é um vestígio das viagens marítimas intercontinentais e testemunho da atividade mercantil do porto de Viana.

Anforeta
do Rio Lima.



Desde a antiguidade, que a ligação marítima entre os povos do Atlântico norte e os povos do Mediterrâneo faz-se contornando toda a costa litoral portuguesa. Locais costeiros com rios de certa dimensão, como Viana, tornaram-se naturalmente sítios com as condições necessárias para a acostagem de embarcações de maiores dimensões.

O porto de Viana vai por isso assumir, a partir do séc. XVI, grande importância nas atividades comerciais marítimas importando e exportando produtos quer do norte de Europa quer da costa Africana, da Índia e principalmente do Brasil, do qual foram comercializados produtos com destaque para o açúcar no século XVII e com o ouro no séc. XVIII. Os vestígios desta importância comercial marítima de Viana encontram-se por todo o centro histórico, principalmente a partir do séc. XVI, momento em que a muralha medieval deixa de ter capacidade para suportar o aumento populacional decorrente da riqueza que o comércio marítimo proporciona.



A Vila de Viana e respetiva muralha.

Tornou-se por isso necessário construir, fora da muralha, edifícios que pudessem servir os habitantes da Vila (Paços do Concelho, Hospital, Cadeia, Chafariz, Torre da Roqueta) e apareceram, também, casas senhoriais associadas a mercadores e banqueiros, quer nacionais quer estrangeiros (Melo Alvim, Condes de Carreira, Costa Barros, Souto-maior, Campaneer, Lunas, Alpuins, etc.). No Séc. XVII constroem-se e reformulam-se mosteiros e conventos. E do séc. XVIII podemos observar alguns edifícios (Casa da Praça/Capela das Malheiras, Igreja da Misericórdia, Igreja da Caridade, entre outros), ricamente ornamentados, graças à riqueza conseguida com o ouro do Brasil.

Gostava de terminar, alertando para a importância destes objetos que nos foram deixados pelos nossos antepassados, que podem ser feitos em materiais vulgares, não são muito bonitos ou muito bem-feitos, mas através deles podemos contar histórias, conhecer métodos, práticas e soluções para os seus problemas. Com eles podemos conhecer alguma da história da evolução do homem até aos nossos dias e, em concreto, dos homens que viviam na nossa região.

OBJETOS SELECIONADOS E RESPECTIVA BIBLIOGRAFIA

1 - Pico do Tipo Asturiense, Areosa

Viana, A. (1929) *A Estação Asturiense da Areosa – Viana do Castelo*, Portucale, Vol. II (7), Porto
Texier, J.- P.; Meireles, J. (1987) As formações Quaternárias do Litoral do Minho: propostas para uma nova abordagem climato-cronológica e dinâmica, *Cadernos de Arqueologia, Série II*, Universidade do Minho. Unidade de Arqueologia, Braga.

Disponível em:

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10359/1CA%201987%20SERIE%20II_VOL%204%20AS%20forma%C3%A7%C3%B5es%20quatern%C3%A1rias%20do....pdf

2 - Vaso de fundo semiesférico da Mamoa de Lordelo, Chafé

Silva, E. J. L. (1986) *Escavação da Mamoa de Chafé – Viana do Castelo (Notícia Preliminar)*. Arqueologia, 13, Porto.

Silva, Eduardo Jorge Lopes da, *Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal/Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, 2003.

Disponível em:

<http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/trabalhosdearqueologia/25/15.pdf>

3 - Ponta de Seta em Quartzo do Dólmen de Afife

Silva, E. J. L. (1992) *Descobertas recentes na Arte Megalítica do Norte de Portugal*. Cadernos Vianenses, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Jorge, S. O. (1978) *Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal*, 2.^a série, 1 (2), Mínia, ASPA, Braga.

4 - Machado de Talão

Bettencourt, A. M. S.; Rey, B. C.; Simões, P. P.; Alves, M. I. (2014) *Corpos e Metais na Fachada Atlântica da Ibéria. O Depósito de machados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização e interpretação*. Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”, Braga.

5 - Vaso de Largo Bordo Horizontal, Monte da Ola, Vila Fria

Dinis, A.; Bettencourt, A. (2004). *Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria; Viana do Castelo (Norte de Portugal)*, Portugália, Nova Série, Volume XXV, Separata, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Nomat, L.; Liz, P.V.; Martínez (2015) *El Vaso de Largo Bordo Horizontal – Untrazador Cultural del Noroeste de la Península Ibérica en el II milénio BC*, Bar International Series 2699, Oxford

6 - Moeda Ibérica do Tesouro de Montedor, Carreço

Centeno, R. M. S. (1999) *Notas sobre o início da circulação da moeda no Noroeste Peninsular: Os denários do Tesouro de Montedor (Portugal). Rutas, Cidades e Moneda em Hispania*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XX, Madrid, España.

Disponível em:

<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/69682>

7 - Estátua de Guerreiro Castrejo, Meixedo

Silva, A. C. F. (2007) *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal* (2ª edição da dissertação de doutoramento, revista e atualizada; 1.ª ed., 1986), Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

Redentor, A. (2008) *Inscrições sobre guerreiros lusitano-galaicos: leituras e interpretações*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Volume 11. Número 2.

Disponível em:

http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/11.2/9_10_11_12/11_p.195-214.pdf

8 - Capitel Coríntio de Vila Mou

Almeida, C. A. F. (1986) *História da Arte em Portugal, Arte da Alta Idade Média*, vol. 2, Publicações Alfa, Lisboa.

Araújo, J.R. (1959) *Sobre algumas “pedras” de Vila Mou*, Bracara Augusta, Vol. IX/X, Braga

9 - Capitel/imposta de Vila Mou

Almeida, C. A. F. (1986) *História da Arte em Portugal, Arte da Alta Idade Média*, vol. 2, Publicações Alfa, Lisboa.

Araújo, J.R. (1959) *Sobre algumas “pedras” de Vila Mou*, Bracara Augusta, Vol. IX/X, Braga

10 - Estela Funerária de S. Romão

Barroca, M. J. (2000) *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Vol. II, Tomo 1, Fundação Calouste Gulbenkian | Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.

Oliveira, S. (1956) *Catálogo – Guia I*, Museu Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

11 – Esculturas protegidas por baldaquinos representando a Anunciação

Almeida, C. A. F. (1983) *A Anunciação na Arte Medieval em Portugal, Estudo Iconográfico*, Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras do Porto, Porto.

Casimiro, L. A. E. (2008-2009) *Iconografia da Anunciação: símbolos e atributos* Revista da Faculdade de Letras, CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO, I Série, Volume VII-VIII.

Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9411.pdf>

Chaves, L. (1934). *Dois esculturas quatrocentistas com a anunciação da virgem num recanto da velha Viana*. Arquivo de Viana do Castelo – Repositório de Estudos e Curiosidades Regionais, Vol.1 N.º 5. Viana do Castelo, Portugal.

12 - Anforeta do Rio Lima

Almeida, C. A. B. (1990) Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima, Estudos Regionais, vol. Especial – 7-8, Viana do Castelo.

Calza, C. F.; Oliveira, M.D.B.G.; Carvalho, D. D.; Coelho, F. A. N.; Freitas, R. P.; Lopes, R. T., (2013) *Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n3/09.pdf>

OBRAS DE REFERÊNCIA

Almeida, C. A. B. (2008) *Sítios que Fazem História, Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo, I – Da Pré-História à Romanização*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

Almeida, C. A. B.; Almeida, P.M. D. (2009) *Sítios que Fazem História, Arqueologia do Concelho de Viana do Castelo, II - Da Idade Média à Actualidade*, Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

FOTOS Hugo Lopes, Rui Carvalho

ILUSTRAÇÕES Patrício Brito | Rui Carvalho Design

MAPA DO CONCELHO Jorge Machado | Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.